

# ARAGORN E ANDÚRIL: A REPRESENTAÇÃO DO HERÓI E DA ESPADA MEDIEVAIS

Ana Rita Martins  
Universidade de Lisboa  
CEAUL  
Diana Marques  
CEAUL

## I. Introdução: Uma Visão sobre a Terra Média

Nem tudo o que reluz é ouro,  
Nem todos os Caminhantes estão perdidos;  
O velho que é forte não mirra  
E a geada não chega às raízes fundas.  
Das cinzas pode reacender-se o lume,  
Das sombras pode irromper uma luz;  
Renovada será a lâmina quebrada  
O destronado será de novo rei.

(Tolkien, “Irmandade”: 286)

Quando no primeiro livro de *O Senhor dos Anéis*, *A Irmandade do Anel*, Bilbo declara perante o Concelho de Elrond em Rivendell que o “destronado” será rei, sublinhando que ele próprio criou o poema (“[...] segredou a Frodo: – Fui eu mesmo que os fiz” (“Irmandade”: 287), é com alguma facilidade que o leitor (atento ou não) compreende que a profecia de Bilbo se refere a Aragorn. O rei cuja vinda anuncia o fim de um tempo de descontentamento

e infertilidade e o início de uma era de bem-aventurança, paz e abundância é um motivo com tradição literária que pode ser ligado a vários textos medievais e até a fontes mais antigas, nomeadamente lendas celtas galesas e irlandesas onde a presença do rei legítimo era crucial para assegurar a prosperidade do território. Ao pensarmos em todas as referências a reis medievais na literatura anglófona, o mais conhecido monarca, e quiçá o mais evidente neste contexto, será o rei Artur, o rei do passado e do futuro, aquele cujo regresso da ilha sobrenatural Avalon está vaticinado, mas cujo retorno apenas terá lugar quando o povo mais precisar dele. Contudo, ao reflectirmos sobre as possíveis ligações entre Aragorn e Artur e as suas espadas *Andúril* e *Excalibur*, deparamo-nos com algumas dificuldades.

Antes de partirmos para uma análise mais aprofundada, é importante salientar que não há apenas uma grande fonte para a criação do mundo imaginário da Terra Média, mas um conjunto de textos que perfazem o todo ou, usando a referência de J.R.R. Tolkien<sup>1</sup>, a sopa de histórias (“the soup”) que irá ser servida ao leitor. Segundo Verlyn Flieger, cujo trabalho e produção académica se tem focado principalmente na análise das obras de Tolkien, a “sopa de histórias” existe desde que o Homem começou a contar as primeiras histórias as quais “[...] têm sido servidas para alimentar a imaginação de cada época, incluindo a nossa” (Flieger, 2004: 123)<sup>2</sup>. Desta “sopa de histó-

---

<sup>1</sup> No ensaio “On Fairy-Stories”, Tolkien refere que “By the ‘soup’ I mean the story as it is served up by its author or teller, and by the ‘the bones’ its sources or material – even when (by rare luck) those can be with certainty discovered” – “Por ‘sopa’ quero dizer a história tal como é servida pelo autor ou contador de histórias e por ‘ossos’ as suas fontes ou material – mesmo quando (por rara sorte) estas podem ser descobertas com firmeza.” (Tolkien, 2006: 120. Tradução realizada pelas autoras.)

<sup>2</sup> “(...) have been ladled out to nourish the imagination in every age, including our own”. Com excepção das citações da trilogia *O Senhor dos Anéis*, as restantes referências foram traduzidas pelas autoras.

rias”, podemos distinguir os mitos arturianos que, à semelhança das lendas sobre a Terra Média, parecem combinar certos elementos recorrentes; usando novamente as palavras de Flieger:

Embora a sopa seja uma mistura de muitos pedaços, certos elementos, certos sabores, sobressaem [...] estes são os básicos, a matéria bruta do mito [...]. Estes são motivos que ressurgem em todas as mitologias e que os contadores de histórias têm usado desde que há memória – o herói, a demanda, a luta contra as monstruosas forças do Mal, a provação e o desfecho. (Flieger, 2004: 123)<sup>3</sup>

Será, então, a partir desta ‘matéria bruta’ (“raw stuff”) que iremos procurar as possíveis fontes ou textos medievais arturianos usados por Tolkien para a construção da sua Terra Média. No entanto, encontramos, quase de imediato, um obstáculo colocado pelas palavras do próprio autor.

Numa carta dirigida a Milton Waldman, onde J.R.R. Tolkien declara a sua vontade de criar uma mitologia para o seu país, Inglaterra, o escritor descarta a possibilidade de usar o mundo arturiano como possível pano de fundo para a criação de um conjunto de lendas que seja digno da sua pátria. Tolkien afirma pois:

[...] desde cedo que me senti entristecido pela pobreza do meu amado país: não tinha histórias próprias (ligadas à sua língua e solo), não da qualidade que eu procurava e encontrei (como ingrediente) em lendas de outras terras. Há gregas, celtas, romanas, germânicas, escandinavas e finlandesas (o que me afectou em grande medida), mas nada inglês [...].

---

<sup>3</sup> “Although the soup is a blend of many morsels, certain elements, certain flavors, stand out [...] these are the basics, the raw stuff of myth [...] They are the motifs which recur in all mythologies and which tale-tellers have used time out of mind – the hero, the quest, the struggle with monstrous forces of evil, the ordeal and its outcome.” (Flieger, 2004: 123)

É claro que existia e existe o mundo Arturiano, mas, embora poderoso, não está completamente naturalizado, é associado ao solo da Grã-Bretanha, mas não ao de Inglaterra; assim, não substitui o que sentia estar em falta. Para já o seu mundo de fadas (*faerie*) é demasiado sumptuoso, fantástico, incoerente e repetitivo. (*Letters*, 1995: 144. Sublinhado nosso.)<sup>4</sup>

Para muitos críticos e leitores de Tolkien, a carta 131, possivelmente uma das mais afamadas entre as muitas publicadas na obra *The Letters of J.R.R. Tolkien*, exclui, ou, no mínimo, questiona veementemente, a possível ligação das lendas arturianas com as da Terra Média. Todavia, é de salientar que as objecções apontadas pelo autor aos contos sobre Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda estão relacionadas com: a) as origens destas histórias, que não são inglesas, mas celtas; b) o desenvolvimento destas que, à possível excepção do poema anónimo *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde* (século XIV) e *A Morte de Artur*, de Sir Thomas Malory (1485), não foram escritas por autores britânicos<sup>5</sup>; e c) o seu desagrado para com as histórias celtas que compara a um vitral restaurado sem que se obedeça ao padrão original, dada a sua desintegra-

---

<sup>4</sup> “[...] I was from early days grieved by the poverty of my own beloved country: it had no stories of its own (bound up with its tongue and soil), not of the quality that I sought, and found (as an ingredient) in legends of other lands. There was Greek, and Celtic, and Romance, Germanic, Scandinavian, and Finnish (which greatly affected me); but nothing English [...]. Of course there was and is all the Arthurian world, but powerful as it is, it is imperfectly naturalized, associated with the soil of Britain but not with English; and does not replace what I felt to be missing. For one thing its ‘faerie’ is too lavish, and fantastical, incoherent and repetitive.”

<sup>5</sup> De facto, muitas das narrativas medievais que chegaram até hoje sobre Artur e os seus cavaleiros são de origem francesa, sendo particularmente relevante mencionar as obras d’*Os Ciclos da Vulgata* (produzido entre 1215-35; engloba cinco romances: *Estoire de Merlin*; *Estoire del Saint Graal*; *Lancelote en Prose*; *Morte Artu e Queste del Saint Graal*) e *da Pós-Vulgata* (c. 1230-40; inclui *Merlin*, *Estoire del Saint Graal* e *Queste del Saint Graal*).

ção e contaminação por outras narrativas ao longo dos séculos (*Letters*, 1995: 26).

Embora ligadas à Grã-Bretanha, nomeadamente ao País de Gales, as lendas arturianas não estão directamente vinculadas a Inglaterra o que poderá justificar algumas afirmações de Tolkien, confirmando o porquê de estas serem desadequadas para o propósito de criar uma mitologia para Inglaterra. Além disso, o escritor claramente identifica o carácter repetitivo de muitas narrativas arturianas e critica ainda o uso explícito da religião cristã o que declara, na mesma carta, ser fatal para a história. Segundo Tolkien, “O mito e o conto de fadas, tal como toda a arte, devem reflectir e abranger elementos religiosos de moral e verdade (ou erro), mas não explicitamente [...]” (*Letters*, 1995: 144)<sup>6</sup> como, de resto, acontece nos mitos arturianos, nomeadamente nas narrativas relativas à busca do Santo Graal.

Assim, apesar destas aparentes complicações, este breve artigo vem propor que, embora inapropriadas para a difícil tarefa de construir uma mitologia para Inglaterra, é possível estabelecer comparações entre aspectos da obra de Tolkien e temas e motivos presentes nas lendas arturianas que terão influenciado (em parte) a criação de algumas personagens e elementos da Terra Média. Na obra *Avalon Revisited: Reworkings of the Arthurian Myth*, María José Álvarez-Faedo reitera esta ideia, referindo que “[...] é evidente que *O Senhor dos Anéis* é um mito que Tolkien criou através da combinação de elementos de mitologias, lendas e tradições populares anteriores – e uma dessas referências anteriores é a lenda arturiana” (Álvarez-Faedo, 2007: 205)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> “Myth and fairy-story must, as all art, reflect and contain in solution elements of moral and religious truth (or error), but not explicit [...]”

<sup>7</sup> “[...] it is evident that *The Lord of the Rings* is a myth that Tolkien created combining elements of previous mythology, legends and popular tradition – and that one of those previous references was the Arthurian legend”.

Além disso, ao recorrer aos textos arturianos medievais, Tolkien não irá “copiar” ou “reproduzir” os mesmos elementos, mas transformá-los, reinterpretá-los e reformulá-los. Algo que Mark Hall confirma: “É certamente expectável que a colisão de mundos e textos (a Terra Média de Tolkien e as lendas arturianas) resulta na eliminação de alguns aspectos dos contos, na incorporação de outros e na transformação de muitos [...]” (Hall, 2012: 4)<sup>8</sup>.

Dada a magnitude da mitologia que nos foi deixada por J. R. R. Tolkien, neste artigo iremos concentrar a nossa atenção em *O Senhor dos Anéis*, obra organizada em três volumes: *A Irmandade do Anel* (1954), *As Duas Torres* (1954) e *O Regresso do Rei* (1955), e numa personagem em particular, Aragorn, mais tarde Rei Elessar de Gondor e Arnor, e na espada por ele empunhada, *Andúril*. Propomos, então, analisar que elementos de textos medievais arturianos poderão ter sido utilizados na criação e desenvolvimento desta figura e, ao mesmo tempo, reflectir sobre o modo como estes podem ser usados para olhar para este imaginário. O seguinte artigo será, pois, dividido em duas partes.

Na primeira parte iremos olhar para o percurso de Aragorn, de *Ranger/Caminhante* a Rei, tentando perceber que características o ligam (ou não) ao famoso rei Artur e/ou às lendas arturianas.

Na segunda parte será dada especial atenção à espada *Andúril*. De facto, tanto na Terra Média como na literatura medieval europeia, existe uma tradição de armas importantes que ganharam fama tanto pelos seus feitos como pela importância dos seus proprietários. Na literatura medieval, a espada é propriedade de deuses e heróis de várias mitologias e culturas, arma principal na posse de um cavaleiro, e tem sido vista como um emblema de

---

<sup>8</sup> “It is certainly to be expected that the collision of worlds and texts (Tolkien’s Middle Earth and the Arthurian Legends) results in the elimination of some aspects of the tales, the incorporation of others, and the transformation of many [...].”

poder e honra, símbolo de estatuto e autoridade. As espadas encontram-se associadas a homens abastados, a guerreiros destemidos, a cavaleiros e a reis, bem como a valores como a bravura, a lealdade e a verdade. São símbolos de soberania, de realeza, mas também de força bruta, de violência e morte, sendo dos artigos de guerra mais valiosos e decorados da Idade Média. Poder-se-á dizer que o simbolismo da espada se tornou mais proeminente durante a Idade Média, principalmente pela sua presença constante no romance de cavalaria, onde se torna num objecto simbólico central, associado ao herói.

Em *O Senhor dos Anéis* é possível perceber a influência das espadas que povoam as mitologias celta, germânica e nórdica, bem como a literatura medieval. Tolkien caracteriza-as de forma semelhante, dando-lhes uma linhagem, um nome próprio, características físicas que espelham a forma como eram concebidas na realidade, propriedades mágicas e um simbolismo que demonstra a importância de uma arma e do seu proprietário.

Neste artigo o foco será *Andúril*, a espada de Aragorn, onde Tolkien faz confluir as espadas de vários heróis medievais, embora consideremos que ela carrega consigo a herança das espadas do mito arturiano: a *Espada na Pedra* e *Excalibur*. E apesar de *Excalibur* ser uma espada cerimonial, que é símbolo da soberania enquanto rei e não é usada em combate, ao contrário de *Andúril*, é possível encontrar o mesmo simbolismo e o mesmo propósito em ambas: elas são espadas que estão destinadas exclusivamente ao verdadeiro rei e que marcam o início de novas eras. *Andúril*, tal como a *Espada na Pedra* e *Excalibur*, é símbolo da identidade e soberania de Aragorn, legitimando o seu poder enquanto rei.

## II. O Regresso do Rei: A Influência do Mito Arturiano em Aragorn

De súbito, Frodo apercebeu-se de que um homem de aspecto estranho e tisonado pelo tempo, que se encontrava entre as sombras perto da parede, também escutava com toda a atenção a conversa (...) Tinha uma caneca alta à frente e fumava um cachimbo comprido (...) Tinha as pernas estendidas à sua frente (...) envolvia-o uma capa de tecido grosso, verde-escuro, suja da viagem, e, apesar do calor da sala, tinha na cabeça um capuz que lhe semiocultava o rosto – embora não conseguisse o brilho dos olhos (...)

– Quem é aquele? – Perguntou Frodo (...)

– Aquele? – Repetiu o estalajadeiro (...) – Não sei, ao certo. É um desses indivíduos errantes ... um dos Caminhantes, como nós lhes chamamos. (...) aqui é conhecido por Passo de Gigante [*Strider*] (...) (Tolkien, “Irmandade”, 2001: 188)

Em Bree, quando Frodo Baggins encontra *Strider*, primeiro nome pelo qual o leitor é apresentado ao herdeiro de Isildur, deparamo-nos com uma figura misteriosa cujos propósitos são inicialmente ocultos. Acompanhando Frodo na sua viagem, também o leitor apenas vai descobrir quem este caminhante de poucas palavras é – “Fala pouco (...)” (“Irmandade”, 2001: 188) – aquando da chegada a *Rivendell* ou *Imladris*, Casa de Elrond. O uso do disfarce é um motivo comum em textos medievais, presente em romances ingleses como *King Horn* (c. 1225) e *Havelok the Dane* (c. 1280-1290), onde as personagens principais, ambos de linhagem real e herdeiros legítimos ao trono dos respectivos reinos, recorrem ao disfarce em vários momentos, quer para testar as restantes personagens quer para melindrar aqueles que tentam impedir a sua ascensão ao lugar que é seu por direito, o de monarca. Do mesmo modo, Aragorn usa o nome *Strider*, entre outros, para esconder a

sua verdadeira identidade como herdeiro de Isildur, o que lhe permite percorrer os territórios da Terra Média anonimamente, unindo forças e lutando contra o Mal e o medo crescentes. De acordo com Flieger, no artigo “Frodo and Aragorn: The Concept of the Hero”:

Ele [Aragorn] é, na verdade, o tradicional herói disfarçado, o rei legítimo, usando o termo presente no romance medieval é o “belo desconhecido” que se ergue das sombras para a ribalta quando chega o seu momento. Ele faz parte da tradição dos jovens Beowulf e Galaaz, do rapaz Artur, todos os heróis cujos primeiros anos são passados na obscuridade, mas que estão destinados à grandeza e o seu nascimento ou origem antecipam esse destino. (Flieger, 2004: 126)<sup>9</sup>

Como refere Flieger, o uso do disfarce é ainda passível de ser ligado ao motivo do *Belo Desconhecido* (*fair unknown*<sup>10</sup> ou *Le Bel*

---

<sup>9</sup> “He [Aragorn] is in truth the traditional disguised hero, the rightful king, in medieval romance terms the ‘fair unknown’ who steps from the shadows into the limelight when his moment comes. He is in the tradition of the young Beowulf, the young Galahad, the boy Arthur, all the heroes whose early years are spent in obscurity but who are destined to greatness and whose birth or origin foreshadows that destiny.”

<sup>10</sup> Segundo a definição providenciada pela Universidade de Rochester, o *Belo Desconhecido* é: “a universally popular folk motif with strong Arthurian connections in which a young man of questionable lineage becomes an integral part of society. Initially appearing in court without an established identity, the Fair Unknown nevertheless boldly demands to be knighted. He tends to be markedly – albeit amusingly – uninhibited because of his isolated upbringing, and frequently knows little of his own paternity. [...] the Fair Unknown must prove his worth through an extended series of adventures before finally cementing his position within society [...]. Within the Arthurian tradition specifically, the Fair Unknown is usually discovered to be a relative of Gawain and, thus, related to Arthur himself. He must, therefore, prove himself worthy of being not only an Arthurian knight, but also Gawain and Arthur’s kinsman.” – “um motivo universal da cultura popular, com fortes ligações ao mundo Arturiano, onde um jovem de

*Inconnu*) presente, em particular, nas narrativas arturianas medievais. Por norma, o *Belo Desconhecido* é um jovem de ascendência nobre, o qual pode ou não ter conhecimento da sua linhagem. Educados fora da esfera social corte, estas personagens destacam-se pela sua perícia no manuseamento de armas e coragem demonstrada nas aventuras em que embarcam para provar o seu valor perante o rei, a quem podem estar ligados por laços de parentesco. Existem, contudo, algumas variantes deste motivo. Por um lado, na *História de Sir Gareth de Orkeney* contada por Sir Thomas Malory na obra *A Morte de Artur*, por exemplo, o irmão mais novo de Gawain (Galvão) chega à corte de Artur no dia de Pentecostes e pede três dádivas, recusando-se, porém, a revelar o seu nome, sendo por isso chamado, por Kay, de *Beawmaynes* (Belas-Mãos). Após várias aventuras durante as quais Gareth prova o seu valor sem revelar a sua verdadeira identidade, esta é desvelada por outrém, sendo este posteriormente aclamado na corte de Artur, afinal seu tio. Por outro lado, no conto *Perceval ou O Conto do Graal* (c. 1180-91), do autor francês Chrétien de Troyes, Perceval é educado pela mãe numa floresta, isolado do resto do mundo e ignorante da sua ascendência aristocrática. Neste conto, quando chega à corte de Artur, a personagem principal não esconde, efectivamente, a sua identidade, mas também não a reve-

---

linhagem questionável se torna uma parte integrante da sociedade. Aparecendo primeiro na corte sem uma identidade estabelecida, o *Belo Desconhecido* audaciosamente exige ser adubado cavaleiro. Este tende a ser particularmente desinibido – se bem que cómico – devido à sua educação isolada, desconhecendo frequentemente a sua paternidade. [...] o *Belo Desconhecido* tem de provar o seu valor através de uma extensa série de aventuras até consolidar a sua posição na sociedade (...). Na tradição Arturiana em particular, o *Belo Desconhecido* acaba por normalmente ser um parente de Gawain e, assim, parente do próprio Artur. Deste modo, ele tem de provar que é digno não só de ser um cavaleiro Arturiano, mas também do parentesco que partilha com Gawain e Artur.” (Haught)

la, assumindo assim uma das características do motivo do *Belo Desconhecido*: ignorância dos comportamentos adequados a um espaço como a corte real e um temperamento impetuoso<sup>11</sup>. Embora na personagem Aragorn não sejam incorporados todos os traços do *Belo Desconhecido*, também ele se recusa a revelar a sua verdadeira identidade perante outros, sendo exemplo disso quando este serve, sob o nome *Thorongil*, Ecthelion II, mordomo de Gondor e pai de Denethor, por sua vez, pai de Boromir e Faramir. Mesmo sendo descrito como “o grande capitão de quem ele [Ecthelion] gostava acima de todos os outros” (Tolkien, 2001, Apendix A: 360), Aragorn recusa-se a revelar o seu nome verdadeiro ou a sua origem.

A viagem de *Strider* com Frodo Baggins, Samwise Gamgee, Meriadoc “Merry” Brandybuck e Peregrin “Pippin” Took para Rivendell é ainda um momento importante na narrativa, pois é quando são reveladas, pela primeira vez, as capacidades curativas de Aragorn. Quando são atacados em Weathertop ou Amon Sûl (o Cume do Tempo) pelos espectros que perseguem o pequeno grupo e Frodo é ferido no ombro, é Aragorn quem inicialmente procura aliviar-lhe as dores, usando a planta *Athelas*:

– Tive de andar muito para encontrar estas folhas, visto esta planta não crescer nos montes áridos – explicou – Encontrei-a às escuras guiado pelo cheiro das suas folhas, nos bosques que ficam a sul da estrada (...) é uma planta curativa que os Homens do Ocidente trouxeram para a Terra Média. Chamavam-lhe *Athelas* e agora é rara (...). (“Irmandade”, 2001: 235)

Apesar dos poderes extraordinários da planta, o Mal infligido ao pequeno hobbit é grande demais e apenas os dons curativos de

---

<sup>11</sup> O motivo do *Belo Desconhecido* pode também ser ligação ao conto galês *Peredur, Filho de Evrawc*.

Elrond o conseguem salvar. No entanto, é de notar que *Athelas* é também identificada na língua comum da Terra Média como *Folha-do-Rei* (*Kingsfoil*), nome que não terá, com certeza, sido escolhido ao acaso e que parece servir para evidenciar os dons curativos de Aragorn, dons estes que só serão totalmente reconhecidos após a luta com Sauron nas Casas de Cura de Minas Tirith, onde as histórias antigas do povo recordam que “as mãos do rei são mãos que saram, e assim será conhecido o verdadeiro rei” (“Regresso do Rei”, 2001: 147). Aragorn será deste modo identificado, sendo ele quem ajuda Éowyn, Merry e Faramir a recuperar das suas feridas. Esta personagem pode, assim, ser ligado os reis taumaturgos que curam com as mãos.

Além disso, se, por um lado, as mãos do rei legítimo saram os feridos, por outro, a vinda de Aragorn anuncia o início de uma nova era marcada pela prosperidade, paz e fertilidade – este irá curar a terra e o povo que nela habita. Quando coroado por Gandalf é-nos dito que havia “sabedoria na sua fronte, força e cura nas suas mãos, e envolvia-o uma luz” (“Regresso do Rei”, 2001: 265) e que nos anos do seu longo reinado:

[...] a cidade [Minas Tirith] tornou-se mais bela do que nunca tinha sido, nem mesmo nos tempos da sua primeira glória. Encheu-se de árvores e fontes, as suas portas passaram a ser de *mithril* e aço e as ruas foram pavimentadas com mármore branco. [...] as casas encheram-se de homens e mulheres e do riso das crianças (...) (“Regresso do Rei”, 2001: 265. Sublinhado nosso.)

Esta citação é particularmente relevante, pois vem reforçar a ideia de que esta é, de facto, uma nova era. A alusão à fertilidade das árvores e abundância de fontes será, com certeza, uma referência à terra e à água, símbolos de vida e abundância. Do mesmo modo, as casas enchem-se, a cidade cresce e há alegria. Herdeiro de

Isildur, filho de Arathorn II, Aragorn II, Rei Elessar, *Elfstone* (Pedra de Elfo) é o rei predestinado, aquele cuja chegada estava vaticinada e a presença temida pelas forças de Sauron. É ele quem vai unir os reinos de Gondor e Arnor, trazendo-lhes uma glória nunca antes testemunhada. Deste modo, Aragorn assemelha-se aos reis dos contos da mitologia celta galesa e irlandesa, onde a chegada (ou regresso) do rei legítimo equivalia ao começo de um período de riqueza, a terra florescia e o povo prosperava. De facto, como de resto nos diz Flieger: “O conceito do rei como curandeiro vem do antigo princípio celta da monarquia sagrada, onde a saúde e fertilidade da terra estão dependentes da chegada do rei legítimo. Onde não há rei, ou o rei está doente, a terra será estéril” (Flieger, 2004: 133)<sup>12</sup>. Tendo em conta que a prosperidade do território parece estar ligada à vinda do rei legítimo, sendo de salientar que Gondor era um reino em declínio antes da chegada de Elessar, podemos encontrar uma ligação com aos contos arturianos sobre o Rei-Pescador.

Frequentemente associado às lendas do Santo Graal, a figura do Rei-Pescador, presente no conto *Perceval ou O Conto do Graal*, bem como em outras narrativas *d’Os Ciclos da Vulgata e da Pós-Vulgata* e ainda em textos mais antigos como *Peredur*, é frequentemente a de um monarca doente ou com uma ferida (por norma na coxa) cujo reino se encontra em declínio. A única forma de curar o rei, e consequentemente a terra, é se um cavaleiro encontrar o castelo onde este habita e, depois de assistir a uma misteriosa procissão, fazer a pergunta certa<sup>13</sup>. Embora, Aragorn não se encontre

---

<sup>12</sup> “The concept of the king as a healer derives from the early Celtic principle of sacral kingship, whereby the health and fertility of the land are dependent on the coming of the rightful king. Where there is no king, or the king is infirm, the land will also be barren.”

<sup>13</sup> A estrutura dos contos sobre o Graal irá ser alterada com os séculos. Assim, em narrativas mais tardias como *A Morte de Artur*, o Graal é já o cálice sagrado usado por Jesus Cristo na Última Ceia, só podendo ser al-

ferido, a sua ligação com o território e o motivo da terra sem vida está presente de modo que a renovação do reinado promovida pela vinda de Aragorn assemelha-se ao laço entre o Rei-Pescador e a renovação da terra das lendas arturianas. Além disso, podemos ainda estabelecer uma ligação entre Artur e Aragorn.

Primeiro, ambos são reis messiânicos, cuja chegada marca o início de um período fartura e paz, sendo eles quem vai unir os respectivos territórios. Quando Artur sobe ao trono de Camelot, a terra prospera; do mesmo modo, a cidade de Minas Tirith torna-se mais bela e gloriosa após a coroação do Rei Elessar. Segundo, a vinda dos dois reis é pressagiada. O feiticeiro Merlin prevê que o filho de Uther Pendragon e Lady Igraine está destinado a ser rei de toda a Inglaterra e ainda, de acordo com a narrativa de Thomas Malory, monarca de Gales, Irlanda, Escócia e outros reinos. A subida ao trono de Aragorn é também antevista – “o destronado será de novo rei” (“Irmandade”, 2001: 286) – como de resto já mencionámos, no poema declamado por Bilbo, mas também invocado por Gandalf na carta que escreve a Frodo quando este viaja para Rivendell. Terceiro, ao olharmos para os textos mais antigos, onde Artur não é ainda o monarca passivo que encontramos em Malory, podemos também verificar a presença de outros atributos como a coragem, os feitos em campo de batalha e o amor que os seus homens (guerreiros, cavaleiros, etc.) e o povo sentem por eles. Além disso, em quarto, Aragorn tal como Artur é criado numa casa que não é a sua, a casa de Elrond, Rivendell, sem saber a sua origem ou linhagem. Tal como é referido no Apêndice A, na obra *O Regresso do Rei*:

Então Aragon, que se tornara no Herdeiro de Isildur, foi levado com a mãe para casa de Elrond, o qual tomou o lugar do pai [...] tratavam-no por Estel, ou seja, “Esperança”, e o

---

cançado por um herói cujo corpo e alma são puros, por norma Galahad (Galaaz), o cavaleiro perfeito.

seu nome e a sua linhagem legítimos foram mantidos secretos [...] Mas, quando Estel tinha apenas vinte anos de idade (...) Elrond tratou-o pelo seu verdadeiro nome e disse-lhe quem era e quem fora seu pai. (Apêndice A, 2001: 362-363)

Do mesmo modo, na maioria dos contos, Artur é levado pelo feiticeiro Merlim para casa de Sir Ector onde este o cria lado a lado com o seu filho Kay (ou Cai) até ao dia em que o jovem Artur retira a espada da pedra e começa a sua jornada agora enquanto filho do Rei Uther Pendragon. Neste ponto, é ainda de salientar que no poema *Brut* (ca. 1190 – 1215), de Laȝamon, Artur é criado por elfos os quais lhe atribuem dons mágicos o que nos permite estabelecer mais uma ponte com Aragorn. No artigo “Frodo and Aragorn: The Concept of the Hero”, Flieger argumenta:

Muitas vezes a obscuridade do herói está ligada à sua educação numa casa que não é a sua sob circunstâncias que o treinam para o seu futuro papel, mas que não possibilitam qualquer identificação. Artur é removido por Merlim da sua mãe aquando do seu nascimento e criado na casa de Sir Ector, ignorante, tal como todos à sua volta, da sua linhagem real. A remoção da espada da bigorna assinala a sua vinda da obscuridade e proclama-o como o rei legítimo. (Flieger, 2004: 128)<sup>14</sup>

Assim, tanto para Artur como para Aragorn a linhagem é importante, pois como descendentes directos de reis do passado a sua pretensão ao trono é legitimada por parentesco. Todavia, para ambos isso não basta já que têm de provar merecer o trono e a sobe-

---

<sup>14</sup> “Often the obscurity of the hero is linked to his upbringing in a home not his own, in circumstance that train him for his future role but offer no recognition. Arthur is removed from his mother at birth by Merlim and brought up in the household of Sir Ector, ignorant, like everyone around him, of his royal lineage. The withdrawal of the sword from the anvil signals his emergence from obscurity and proclaims him as the rightful king.”

rania do território, lutando pela união e liberdade do povo. Finalmente, ambos estão ligados pelo vínculo que estabelecem com as espadas que empunham, nomeadamente *Excalibur* e *Andúril*, sendo para essa ligação que agora nos viramos.

### III. *Andúril*: Espada de Reis

O mundo da Terra Média é rico em espadas com história, vistas como relíquias de tempos idos, possuidoras de características especiais, mágicas, e todas essas características atestam a importância do porte de uma arma destas, bem como daquele que a possui. Todas elas são cuidadosamente descritas e não há duas espadas iguais. Cada uma tem detalhes diferentes e são esses detalhes que ajudam a moldar a história dessa espada bem como a identidade do seu proprietário, seja ele um guerreiro, um hobbit, um feiticeiro ou um rei. Em *O Senhor dos Anéis*, *Andúril*, a espada de Aragorn, conhecida ainda como a Espada de Elendil ou a *Narsil* Reforjada, carrega consigo a herança das espadas lendárias medievais, em especial das espadas do mito arturiano: a *Espada na Pedra* e *Excalibur*, como se irá tentar demonstrar.

*Narsil* é apresentada pela primeira vez em *A Irmandade do Anel*, durante o concílio de Elrond, ficando-se a saber que fora símbolo da soberania de Gondor e Arnor, e cuja lâmina foi quebrada na Guerra da Última Aliança entre Elfos e Homens. *Narsil* era a espada de Elendil e foi com um pedaço da sua lâmina que Isildur cortou o dedo da mão de Sauron que envergava o Anel. Depois, a espada passou para Valandil, o herdeiro de Isildur, mas permaneceu em pedaços (Tolkien, “Irmandade”, 2001: 281-2).

Ainda durante a estadia da Irmandade em Rivendell, são-nos descritas as suas características, quando *Narsil* é reforjada:

A espada de Elendil foi de novo forjada por ferreiros élficos e na lâmina foram gravadas sete estrelas entre o crescente de

Lua e o Sol raiado, com muitos caracteres rúnicos à volta, pois Aragorn, filho de Arathorn, ia para a guerra nas fronteiras de Mordor. A espada brilhava muito, depois de novamente inteira. A luz do Sol refulgia, vermelha, nela, enquanto a da Lua refulgia friamente. O seu gume era duro e cortante. E Aragorn deu-lhe outro nome, chamou-lhe *Andúril, Flama do Ocidente*. (“Irmandade”, 2001: 319)

Nesta passagem podem verificar-se três características presentes também nas descrições de algumas espadas da literatura medieval: a espada tem nome próprio, possui inscrições na lâmina e está associada ao brilho.

Na Idade Média, as espadas mais importantes também tinham nome próprio, o que lhes conferia um poder adicional. Este aspecto tem origem na crença animista de povos como os Celtas e os Anglo-Saxões, que acreditavam que os objectos, tal como os humanos e os animais, tinham alma (Loades, 2010: 1783)<sup>15</sup>. Desta forma, o nome servia para reforçar o estatuto da própria espada enquanto objecto pessoal de grande valor e imbuída de uma personalidade própria (Loades, 2010: 1788). Veremos o exemplo da espada de Nuada, chamada *Espada da Luz*, a espada *Hrunting* de Beowulf, *Gram* de Sigurd e *Excalibur*, do rei Artur. O facto de terem nome atesta a importância da espada enquanto objecto pessoal, mas também daquele que a maneja, uma vez que as espadas com nome estavam destinadas a deuses e heróis e a concretizar feitos incríveis.

Através do nome também é possível verificar que há uma ligação à luz tal como é referido em vários momentos em que *Andúril* é descrita: “[...] a brilhante lâmina de Andúril refulgiu como uma labareda [...]” (“Duas Torres”, 2001: 37), “A espada de Aragorn, erecta na sua mão imóvel, ficou, de súbito, incandescente” (“Duas Torres”, 2001: 106), “Desembainhou, então, Andúril e ergueu-a,

---

<sup>15</sup> Obra em formato *e-book*. Assim, todas as referências a este trabalho correspondem às páginas electrónicas e não às do livro físico.

cintilante, à luz do dia” (“Regresso do Rei”, 2001: 169), “[...]o Olho olhava para dentro, a meditar em notícias de dúvida e perigo: via-se uma espada rutilante e um rosto severo e majestoso [...]” (“Regresso do Rei”, 2001: 213. Sublinhado nosso.)

A associação da espada ao brilho acontece também na literatura medieval, especialmente quando se trata de espadas mitológicas pertencentes a deuses e heróis. A espada do deus celta Nuada, por exemplo, fazia parte dos quatro tesouros dos Tuatha Dé Danann como é referido n’A *Segunda Batalha de Moytura (Cath Maige Tuired)* e é conhecida como *Cliamh Solais, Espada da Luz* (Varandas, 2006: 47). Nuada representa a soberania, a justiça e a guerra e pode encarar-se a sua *Espada da Luz* como um símbolo de todas essas características. A luz, na tradição celta, simboliza ainda a intervenção dos deuses celestes (Chevalier, 1982: 423).

Também em *Beowulf* a espada *Hrunting* usada pelo herói para lutar contra a mãe de Grendel é apelidada de “brilho da batalha”, *beado-lēoma* (linha 1523) em inglês antigo, o que reforça a sua associação à luminosidade, tal como se manifesta na descrição das espadas mitológicas (Davidson, 1998: 133). Assim, é possível afirmar que a posse de uma espada com brilho simboliza a obtenção de poderes divinos por parte do herói mortal que, com ela, consegue alcançar feitos impossíveis (Ettlinger, 1945: 298).

A associação ao brilho está ainda nos nomes *Narsil* e *Andúril*. Segundo o próprio Tolkien, o nome *Narsil* deriva de duas raízes: NAR, que significa “fogo”, e THIL, que significa “luz branca”, simbolizando as principais luzes celestiais enquanto inimigas da escuridão, que são o Sol e a Lua. Já *Andúril*, o nome da espada reforjada, adquire o significado de *Flama do Ocidente*, aludindo às regiões desse local, de onde vieram os homens de Númenor, os antepassados de Aragorn (Tolkien, in Carpenter, 1995: 425).

Já a presença das runas na lâmina estabelece um paralelo com as espadas anglo-saxónicas, em que é possível verificar inscrições

rúnicas que podiam ser de nomes ou de símbolos. Porém, essas inscrições eram mais comuns nas bainhas ou punhos. Quando as runas estavam gravadas nas lâminas serviam para indicar que pertenciam a alguém ou serviam como símbolos especiais para conferir força e coragem a quem as usasse. As runas eram, também, vistas como símbolos mágicos, trazendo força e boa sorte aos seus donos e reforçando as qualidades desejáveis a que as runas se referiam (Davidson, 1998: 43-50).

Um dos aspectos mais importantes de *Andúril* é o facto de ser através dela que Aragorn é reconhecido como herdeiro de Isildur e rei legítimo de Gondor, tal como quando se apresenta a Éomer e aos Cavaleiros de Rohan:

Aragorn afastou a capa. A bainha élfica cintilou quando ele a agarrou, e a brilhante lâmina de Andúril refulgiu como uma labareda, quando ele a desembainhou.

– Elendil! – gritou. – Sou Aragorn, filho de Arathorn, e chama-me Elessar, o Pedra de Elfo; o herdeiro de Isildur, filho de Elendil de Gondor. Esta é a espada que foi quebrada e voltou a ser forjada! (“Duas Torres”, 2001: 37)

Neste sentido, *Andúril* simboliza a identidade e soberania de Aragorn, e figura como a prova da descendência directa e verdadeira dos homens de Númenor, tal como acontece na literatura arturiana, onde a identidade e soberania de Artur está intimamente ligada a duas espadas: a *Espada na Pedra* e *Excalibur*.

O episódio da *Espada na Pedra* foi introduzido, pela primeira vez, por Robert de Boron em *Merlin*, obra escrita entre o fim do século XII e início do século XIII em França. Repete-se no segundo livro do *Ciclo da Vulgata*, *Estoire de Merlin*, e em *A Morte de Artur*, de Sir Thomas Malory, no qual iremos centrar a nossa análise.

No episódio da *Espada na Pedra*, Thomas Malory revela que após a morte de Uther Pendragon o reino de Inglaterra se encontra

mergulhado no caos e sem rei, e a *Espada na Pedra* estaria reservada àquele que seria o rei legítimo do território, uma vez que a lâmina tinha uma inscrição que dizia que quem conseguisse retirar a espada da pedra seria o rei legítimo de Inglaterra (Malory, 1470/1983: 7). Assim, a *Espada na Pedra* simboliza a herança familiar de Artur, comprovando a sua descendência directa de Uther Pendragon, bem como a sua autoridade e legitimidade enquanto rei de Inglaterra, uma vez que ele é o único a conseguir retirá-la. Então, tal como a *Espada na Pedra*, também *Andúril* representa a linhagem familiar de Aragorn e a legitimidade do seu poder enquanto rei.

Outro aspecto importante é que *Narsil* se encontra partida e volta a ser reforjada, ganhando o novo nome de *Andúril*. Também na literatura medieval existe uma espada que é partida e volta a ser reforjada: a de Sigurd. Como é relatado na *Saga dos Volsungs*, o deus Odin entra no salão do rei Siggeir, desembainha a sua espada e enterra-a até ao punho no tronco da árvore Branstock, declarando que quem a conseguisse retirar seria o seu verdadeiro dono. Todos os homens do salão o tentam, até que Sigmund, filho do rei Volsung, concretiza a proeza. Esta arma é mantida como um tesouro de família até ser destruída por Odin, que parte a espada na batalha em que Sigmund morre. Mais tarde, o seu filho Sigurd ordena que a espada destruída volte a ser forjada a partir dos vários pedaços que restaram e dá-lhe o nome de *Gram*, que significa “fúria”. Tal acontece e a espada prova ser inquebrável, sendo com ela que Sigurd mata o dragão Fafnir.

Em *A Morte de Artur* a espada que Artur retira da pedra também se parte quando ele luta com o rei Pellinore. Depois de uma luta violenta em que Artur quase morre, Merlin lança um feitiço que adormece Pellinore e leva Artur até a um lago onde lhe é dada *Excalibur*, pela mão da Dama do Lago. Com esta espada Artur recebe um aumento de poder, é a espada da sua soberania divina e é o primeiro contacto que Artur tem com o Outro Mundo celta de-

pois da espada da sua autoridade real se ter partido (Heng, 2000: 98). Sendo um aumento de poder, é possível estabelecer a hipótese de que *Excalibur* é a *Espada na Pedra* regenerada, dotada de poderes mágicos e oferecida por uma divindade feminina. É um dos objectos pertencentes à deusa da Soberania, a deusa da terra, que ela oferece ao seu campeão para que ele a guarde (Matthews, 1989: 239).

Esta associação entre a mulher, a soberania, a terra, e o rei que a governa vem dos casamentos reais celtas. A sucessão passava pela linha feminina e a soberania residia na rainha que, enquanto alta sacerdotisa, era também a reencarnação da Grande Terra-Mãe, escolhendo, de entre os seus guerreiros, um homem com quem consumava esse casamento simbólico e que iria liderar o seu grupo de batalha (Matthews, 1989: 14). Assim, a figura da mulher passa a estar associada à soberania do território e à terra, e é ela que escolhe e protege quem governa o território.

Desta forma, é possível estabelecer um paralelo entre *Narsil* e a *Espada na Pedra*, *Andúril* e *Excalibur*. A *Espada na Pedra* afirma a identidade e ascendência familiar de Artur, símbolo da sua legitimidade enquanto rei de Inglaterra. Com *Narsil* também Aragorn é reconhecido como rei legítimo, uma vez que ela é herança dos seus antepassados, perpetuando o nome e os feitos dos homens da sua família. Mas, ao ser quebrada, simboliza também o fim da Segunda Era, ao ser usada por Isildur para cortar o dedo de Sauron que possuía o Anel. Já *Excalibur* representa um aumento de poder que é concedido ao rei pela deusa da Soberania e, por isso, é a espada da sua soberania divina. No caso de Aragorn, quando a espada é reforjada e nomeada como *Andúril*, inaugura-se uma nova Era: a da destruição do Anel, de dissolução do poder de Sauron, e o retorno de Aragorn ao seu verdadeiro papel de rei.

E apesar de *Excalibur* figurar, maioritariamente, enquanto arma cerimonial que representa a soberania de Artur e não ser usada em

combate, na *História dos Reis de Inglaterra* (*Historia Regum Britanniae*), escrita por Geoffrey of Monmouth por volta de 1136, *Excalibur* é usada por Artur naquela que é a batalha paradigmática do mito arturiano, a Batalha de Badon Hill. Nessa batalha Artur expulsa os Saxões do território britânico, naquela que terá sido a maior derrota destes invasores, inaugurando uma nova época e estabelecendo um período de paz posterior (Monmouth, 1136/1966: 217)<sup>16</sup>. Com a *Espada na Pedra*, Artur vem também inaugurar uma nova era e estabelecer a ordem ao território que se encontrava no caos. Desta forma, também *Andúril* e Aragorn vêm restaurar uma ordem e harmonia que se perdeu e inaugurar uma nova era, tal como Gandalf o faz notar: “A Terceira Era do mundo terminou e a nova era começou. É tarefa tua organizar o seu começo e começar o que deve ser conservado” (“*Regresso do Rei*”, 2011: 268).

Tal como acontece com *Excalibur*, também no caso de *Andúril* existe uma intervenção feminina que dota a espada de uma protecção especial:

Aqui está a prenda de Celeborn e Galadriel para o guia do grupo – disse a Aragorn, e entregou-lhe uma bainha para a sua espada: estava revestida de ornatos de folhas e flores de prata e ouro e tinha escrito em runas élficas formadas por muitas pedras preciosas o nome *Andúril* e a linhagem da espada. – A lâmina que for retirada desta bainha não ficará manchada nem partida, nem mesmo na derrota – declarou. (“*Irmandade*”, 2001: 429)

---

<sup>16</sup> Esta batalha foi registada em duas obras anteriores à de Geoffrey of Monmouth. Em *De Excidio Britanniae* (*Sobre a Ruína da Britânia*), escrita por Gildas no século VI, Ambrosius Aurelianus aparece como o líder militar que lidera a batalha do lado dos Ingleses. Já no século IX, Pseudo-Nennius em *Historia Brittonum* (*História dos Britânicos*) é o primeiro a identificar Artur como líder da batalha, tal como acontece no manuscrito do século X *Annales Cambriae* (*Anais Galeses*).

Galadriel oferece a Aragorn uma bainha para *Andúril*, ricamente ornamentada, com inscrições rúnicas e jóias, para além de proteger a lâmina que não se partirá. Também a bainha de *Excalibur* era bastante decorada, com pedras preciosas e ouro, sendo descrita quando Morgan le Fay a atira ao lago, depois de a ter roubado de Artur (Malory, 1470/1983: 92). Além disso, a bainha de *Excalibur* tinha o poder especial de proteger tanto a espada como o próprio Artur de ser ferido mortalmente, como revela Merlin (Malory, 1470/1983: 36). Esta bainha representa a protecção da deusa da Soberania e Galadriel, ao oferecer uma bainha protectora para *Andúril*, acaba por espelhar este episódio da lenda arturiana. Aqui, a bainha simboliza a protecção dos Elfos e a sua própria protecção a Aragorn através da bainha.

#### IV. Conclusão

Como foi possível verificar, a Terra Média é, de facto, uma “sopa” de histórias onde Tolkien faz confluír vários elementos da cultura e da literatura medieval europeia que vão dar forma a *O Senhor dos Anéis*. Desta obra fazem parte várias fontes, entre elas os textos medievais arturianos, ainda que Tolkien não os considerasse directamente vinculados a Inglaterra, uma vez que as suas origens são celtas e o seu desenvolvimento teve lugar em território francês. Ainda assim, é possível afirmar que as lendas arturianas influenciaram a criação da Terra Média, onde Tolkien transforma e reinterpreta os seus elementos de forma a veicular a mensagem e a história que pretende contar. Neste artigo o foco foi dado a Aragorn e a *Andúril*, o rei predestinado a governar Gondor e a sua espada que simboliza a soberania e legitimidade ao poder.

Aragorn, para além de rei, pode ser considerado um herói remanescente dos heróis dos romances medievais, tal como refere Flieger: “Aragorn é o tradicional herói épico/romântico, maior que a vida, um líder, guerreiro, amante, curandeiro. Ele é um herói ex-

traordinário que combina os modos do romance e da alta mimese de Northrop Frye” (Flieger, 2004: 124)<sup>17</sup>.

Aragorn evoca, ainda, as personagens de linhagem real dos romances medievais que recorrem ao disfarce para testar e melindrar outras personagens, aspecto que se verifica quando Aragorn dá pelo nome de *Strider*, de forma a ocultar a sua identidade enquanto herdeiro de Isildur. Este uso do disfarce está ligado também, como vimos, ao motivo do *Belo Desconhecido* que está presente nas narrativas arturianas medievais, nomeadamente em personagens como Gawain (Galvão), Kay e Perceval.

Aragorn é, ainda, uma personagem com capacidades curativas, como se verifica quando ajuda Frodo depois de ser ferido pelos espectros e nas Casas de Cura de Minas Tirith, depois da luta com Sauron. Desta forma, Aragorn está ligado aos reis taumaturgos dos séculos XI e XII que curavam com as mãos. Para além da cura de personagens feridos, Aragorn é o rei predestinado, o verdadeiro herdeiro de Isildur, que traz também a cura da terra, anunciando uma nova época de prosperidade, fertilidade, paz e abundância, que vai unir os reinos de Gondor e Arnor, assemelhando-se aos reis da mitologia celta e galesa. É desses textos que vem a concepção do rei como curandeiro e onde a sua saúde está ligada à saúde e fertilidade da terra, aspecto que está também presente nos textos arturianos sob a figura do Rei-Pescador, normalmente associado às lendas do Santo Graal. Aragorn encontra-se, então, ligado ao território e é ele que, com o seu reinado, vai restaurar a paz e a renovação da terra, tema presente também nas lendas arturianas. Nesse aspecto, a renovação da terra é um dos elementos mais importantes em *O Senhor dos Anéis* e que o vai ligar ao rei Artur:

---

<sup>17</sup> “Aragorn is a traditional epic/romance hero, larger than life, a leader, fighter, lover, healer. He is an extraordinary hero, who combines Northrop Frye’s romance and high mimetic modes.”

Juntamente com a derrota de Sauron e a destruição do Um Anel, há na obra *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien outro grande evento: o da renovação que preenche o vácuo de grandeza e poder. Este evento é a ascensão de Aragorn, filho de Arathorn, ao trono de Gondor e de todos os *Dúnedain*. De muitas formas este monarca renovado assemelha-se a outro rei de uma tradição antiga – rei Artur. (Fin, 2005: 1)<sup>18</sup>

Para além destas referências aos textos arturianos, é possível encontrar outras ligações mais directas entre Aragorn e o rei Artur. Ambos são reis messiânicos cuja vinda é pressagiada, são eles que vão unir o território e quando eles sobem ao trono a terra prospera. Além disso, embora nos textos medievais mais tardios Artur seja um monarca passivo, nos textos mais antigos Artur luta corajosamente com os seus guerreiros e é o líder de batalha. Outro paralelo é o facto de que ambos são criados desconhecendo as suas origens familiares. Neste aspecto, a linhagem familiar de Aragorn e de Artur é um factor importante e é de forma semelhante que ambos são reconhecidos enquanto reis legítimos do território: ao obterem uma espada símbolo da sua linhagem e soberania.

Se, por um lado, Aragorn é uma figura ligada ao rei Artur, também a espada que empunha, *Andúril*, está ligada a duas espadas arturianas: a *Espada na Pedra* e *Excalibur*. Mas antes desta ligação às lendas arturianas, *Andúril* evoca também as espadas medievais de várias mitologias e de outros textos e heróis medievais.

Na concepção de *Andúril* está bem patente o uso de elementos das espadas mitológicas, literárias e reais da Idade Média, onde

---

<sup>18</sup> “Along with the downfall of Sauron and the destruction of the One Ring in J.R.R.Tolkien’s *The Lord of the Rings* there is another great event: one of renewal that fills the vacuum of greatness and power. That event is the ascension of Aragorn, son of Arathorn, to the throne of Gondor and all the *Dúnedain*. In many ways this renewed king resembles another king of oldlore – King Arthur.”

Tolkien os molda para criar os objectos lendários da Terra Média. Desta forma, a espada de Aragorn tem nome próprio, possui inscrições na lâmina, está associada ao brilho e tem uma bainha protectora conferida por uma figura feminina. Com estas características faz lembrar outras espadas com nome, propriedades das mais importantes personagens medievais, como o deus celta Nuada e a sua espada *Cliamh Solais*, *Espada da Luz*, a espada *Hrunting* de Beowulf, *Gram* de Sigurd e ainda *Excalibur* do rei Artur. São espadas intimamente ligadas aos seus donos, que lhes permitem efectuar feitos extraordinários e simbolizam a obtenção de poderes que os tornam superiores ao comum homem mortal.

Também o brilho liga *Andúril* à espada já mencionada de Nuada, que representa a soberania, a justiça e a guerra, provando que uma espada com brilho simboliza a aquisição de poderes divinos por parte do herói mortal. Os próprios nomes *Andúril*, *Flama do Ocidente*, e *Narsil* remete para a referência à luminosidade, para a luta entre a luz celestial e a escuridão, para além de aludir às regiões de Númenor, de onde vieram os antepassados de Aragorn. Podemos afirmar, então, que *Andúril* traz a Luz depois de um período de escuridão ameaçado pelas forças maléficas de Sauron.

A presença das runas na espada relembra as runas gravadas nas lâminas e nos punhos das espadas anglo-saxónicas, cujas inscrições serviam para conferir força e coragem, para além de serem vistas como símbolos mágicos que traziam boa sorte aos seus donos.

Porém, apesar de todas estas características que evocam as espadas de outros heróis medievais, a espada está associada à soberania, à identidade e autoridade, tanto de Aragorn como do rei Artur. *Andúril* comprova a linhagem de Aragorn e a sua identidade enquanto herdeiro legítimo de Isildur, tal como acontece com Artur que é reconhecido através de duas espadas: a *Espada na Pedra* e *Excalibur*.

Ao simbolizar a identidade e a soberania legítima de um rei, *Andúril* reclama a herança da *Espada na Pedra* e de *Excalibur*, uma

vez que estas espadas estão destinadas ao verdadeiro rei, comprovam a sua linhagem familiar, o direito ao trono e estão ligadas à soberania do território. Trazem a luz, a ordem e libertam: a *Espada na Pedra* traz a ordem a um território sem rei e mergulhado no caos, *Excalibur* liberta a Inglaterra do domínio saxónico e estabelece uma soberania divina, e *Andúril* liberta a Terra-Média do domínio de Sauron inaugurando uma nova era e um novo rei.

## Referências

- ÁLVAREZ-FAEDO, María José. “Arthurian Reminiscences in Tolkien’s Trilogy: *The Lord of the Rings*”. *Avalon Revisited: Reworkings of the Arthurian Myth*, editado por María José Álvarez-Faedo, Peter Lang, 2007, pp. 185-208.
- AMSTRONG, Helen. “Aragorn”. *J.R.R. Tolkien Encyclopedia: Scholarship and Critical Assessment*, editado por Michael D. C. Drout, Routledge, 2007, pp. 22-24.
- AUDEN, W.H. “The Quest Hero”. *Tolkien and the Critics*, editado por Neil Isaacs e Rose Zimbaro, University of Notre Dame Press, 1968, pp. 40-61.
- Beowulf: Bilingual Edition*. Tradução de Seamus Heaney, Faber and Faber, 1999.
- BORON, Robert de. *Merlin: Roman du XIII siècle*. Edição crítica de Alexandre Micha, Droz, 2000.
- BREMMER, Rolf H Jr. “Old English Heroic Literature”. *Readings in Medieval Texts: Interpreting Old and Middle English Literature*. David Johnson e Elaine Treharne, Oxford University Press, 2005, pp. 75-90.
- CARPENTER, Humphrey e Tolkien, Christopher (Eds.). *The Letters of J.R.R. Tolkien*. London, HarperCollins, 1995.
- CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrant. *Dicionário dos Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Teorema, 1982.
- DAVIDSON, H. R. Ellis. *The Sword in Anglo-Saxon England*. The Boydell Press, 1998.

- FLIEGER, Verlyn. “Frodo and Aragorn: The Concept of the Hero”. *Understanding the Lord of the Rings: The Best of Tolkien Criticism*, editado por Rose Zimbardo, e Neil Isaacs, Mariner Books, 2004, pp. 122-145.
- , “Arthurian Romance”. *J.R.R. Tolkien Encyclopedia: Scholarship and Critical Assessment*, editado por Michael D. C. Drout, Routledge, 2007, pp. 34-35.
- HALL, Mark. “Gandalf and Merlin, Aragorn and Arthur: Tolkien’s Transmogrification of the Arthurian Tradition and Its Use as a Palimpsest for *The Lord of the Rings*”, *Inklings Forever: Published Colloquium Proceedings, 1997-2016: Vol. 8, 2012*, pp. 1-10.
- “Havelok the Dane”. *Four Romances of England*, editado por Ronald Herzman, Graham Drake e Eve Salisbury, TEAMS – Middle English Texts Series, 1999, pp. 85-159.
- HENG, Geraldine. “Enchanted Ground: The Feminine Subtext in Malory”. *Arthurian Women*, editado por Thelma S. Fenster, Routledge, 2000.
- “King Horn”. *Four Romances of England*. editado por Ronald Herzman, Graham Drake e Eve Salisbury, TEAMS – Middle English Texts Series, 1999, pp. 17-56.
- LOADES, Mike. *Swords and Swordsmen*. Pen & Sword Military, 2010. E-book (edição Kindle).
- MALORY, Thomas. *Le Morte d’Arthur*, editado por Stephen Shepherd, A Norton Critical Edition, 2004.
- , *Malory: Works*, editado por Eugène Vinaver. 2.<sup>a</sup> edição. 1470. Oxford University Press, 1983.
- MATTHEWS, Caitlín. *Arthur and the Sovereignty of Britain: King and Goddess in the Mabinogion*. Arkana, 1989.
- MONMOUTH, Geoffrey of. *The History of the Kings of Britain*, tradução e introdução de Lewis Thorpe. 1136. Penguin Books, 1966.
- MONTEIRO, Maria do Rosário. *A Simbólica do Espaço em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien*. Livros de Areia, 2010.
- NATISHAN, Georgia Kathryn. *Returning the King: The Medieval King in Modern Fantasy*. Tese de Mestrado, Virginia Polytechnic Institute and State University, 2012.

- SALO, David. "Heroism and Alienation through Language in *The Lord of the Rings*". *The Medieval Hero on Screen. Representations from Beowulf to Buffy*, editado por Martha W. Driver e Sid Ray, McFarland, 2004.
- SEAMAN, Gerald. "Arthurian Literature". *J.R.R. Tolkien Encyclopedia: Scholarship and Critical Assessment*. Michael D. C. Drout, Routledge, 2007, pp. 32-34.
- The Mabinogion*. "Peredur Son of Evrawg", tradução de Jeffrey Gantz, Penguin Classics, 1976, pp. 217-257
- TOLKIEN, J.R.R. "On Fairy-Stories". *The Monsters and the Critics and Other Essays*. 1947. HarperCollins, 2006, pp. 109-161.
- , *O Senhor dos Anéis*, vol. I: "A Irmandade do Anel", 2.<sup>a</sup> edição, tradução de Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa, Publicações Europa-América, 1966.
- , *O Senhor dos Anéis*, vol. II: "As Duas Torres", 2.<sup>a</sup> edição, tradução de Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa, Publicações Europa-América, 1966.
- , *O Senhor dos Anéis*, vol III: "O Regresso do Rei", 2.<sup>a</sup> edição, tradução de Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa, Publicações Europa-América, 1966.
- TROYES, Chrétien. "The Story of the Grail (Perceval)". *Arthurian Romances*, tradução de William W. Kibler, Penguin Classics, 2004, pp. 381-494.
- VARANDAS, Angélica. *Mitos e Lendas Celtas: Irlanda*. Centralivros sob a chancela Livros e Livros, 2006.

### **Websites**

- ETTLINGER, E. "Magic Weapons in Celtic Legends". *Folklore*. Vol. 56, n.º 3. Taylor & Francis, Ltd. 1945. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1257261> (consultado a 25.09.2011).
- FINN, Richard J. "Arthur and Aragorn: Arthurian Influences in *The Lord of the Rings*". In *Mallorn* 43. 2005. 23-26. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/19165420/Arthur-and-Aragorn-Arthurian-Influence-in-LOTR#scribd> (consultado a 21.05.2015)

- HALL, Mark R. “Gandalf and Merlin, Aragorn and Arthur: Tolkien’s Transmogrification of the Arthurian Tradition and Its Use as a Palimpsest for *The Lord of the Rings*”. In *Inklings Forever*, Volume VIII. 2012. Disponível em: <http://library.taylor.edu/dotAsset/2f2d1578-cbcb-4deb-b425-982a43b35daa.pdf> (consultado a 21.05.2015)
- MASSULLO, Jonathan. “Middle Earth from Middle Europe: Medieval Manuscripts and an Inspiration for Tolkien”. Publicado online. 2008. Disponível em: <http://library.radford.edu/archives/winesett/massullo.pdf> (consultado a 18.05.2015)
- HAUGHT, Leah. “The Fair Unknown”. The Camelot Project. A Robbins Library Digital Project. Universidade de Rochester. S.d. Disponível em: <http://d.lib.rochester.edu/camelot/theme/fair-unknown> (consultado a 18.05.2015)
- The Story of the Volsungs*. Trad. William Morris e Eirikr Magnusson (1888). *Internet Sacred Texts Archive*. Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/neu/vlsng/index.htm> Consultado a 19 Março 2012.